

## **Educação a distância: o sistema da Universidade Aberta do Brasil**

Vanessa dos Santos NOGUEIRA<sup>1</sup>

### **Resumo**

Esse estudo busca analisar o funcionamento das políticas públicas no âmbito do Sistema da Universidade Aberta do Brasil (UAB), especificamente no Curso de Pedagogia a Distância da Universidade Federal de Santa Maria, a partir do discurso produzido por professores e tutores, na compreensão do movimento estabelecido entre eles para efetivarem a ação docente. A pesquisa caracterizou-se como qualitativa, guiada pelo aporte teórico-metodológico da Análise de Discurso (AD) de linha francesa. A constituição do *corpus* de análise pautou-se no recorte do discurso produzido por professores e tutores do Curso de Pedagogia a Distância da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no âmbito do Sistema da Universidade Aberta do Brasil (UAB), e nos documentos legais que regulam a EAD no âmbito da UAB. Assim, busca-se intepretar os sentidos produzidos no discurso de professores e tutores sobre a constituição das suas práticas pedagógicas na modalidade de Educação a Distância, considerando a regulação das políticas públicas.

**Palavras-chave:** Educação a Distância. Universidade Aberta do Brasil. Políticas Públicas. Discurso.

### **Abstract**

This study assesses the functioning of public policies under the Open University System of Brazil (UAB), specifically in the Distance Education Course at the Federal University of Santa Maria, from the discourse produced by teachers and tutors in understanding the movement established between them to actualize the teaching. The research was characterized as qualitative, guided by theoretical and methodological Discourse Analysis (DA) of the French line. The constitution of the corpus analysis was based on clipping the discourse produced by teachers and tutors of the Distance Education Course at the Federal University of Santa Maria (UFSM) under the Open University System of Brazil (UAB), and in documents law governing the EAD within the UAB. Thus, we seek to intepretar meanings produced in the discourse of teachers and tutors on the formation of its pedagogical practices in Distance Education mode, considering the regulation of public policies.

**Keywords:** Distance Education. Open University of Brazil. Public Policy. Discourse.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (RS, Brasil). E-mail: sivanessa@gmail.com.

## **Introdução**

A pesquisa foi realizada no Curso de Pedagogia a Distância da Universidade Federal de Santa Maria, no âmbito do Sistema da Universidade Aberta do Brasil (UAB). Considerando o crescente aumento da oferta do Curso a cada ano, destacamos a necessidade de refletir acerca das práticas pedagógicas desenvolvidas nesse cenário, com vistas a contribuir com os processos de ensino e aprendizagem que vem sendo desenvolvidos.

O discurso dos sujeitos da pesquisa foram produzido no entremeio da sua historicidade enquanto docentes do ensino presencial e da nova realidade apresentada pela EAD. Nossa atenção é voltada também para movimento histórico das políticas públicas que regulam as ações dessa modalidade educativa, constituindo-se hoje como a história do tempo presente, permeada por muitas mudanças, que podemos acompanhar no período em que esse trabalho foi desenvolvido.

Acredita-se que na modalidade à distância o professor ainda não tem um modelo docente constituído historicamente. Este vai se construindo a partir de suas escolhas, com relação ao lugar apropriado e metodologia de aplicação da tecnologia e das relações estabelecidas com os outros sujeitos envolvidos nesse contexto. Essas escolhas são fundamentais para que o sujeito-professor possa conquistar, gradativamente, o domínio dessas ferramentas, tendo a ilusão de ter sensibilidade ética e social de que esse Curso em que está inserido, forma professores que irão atuar na formação de outros professores para nossas escolas.

## **Metodologia**

A pesquisa caracterizou-se como qualitativa (TRIVIÑOS, 1987), guiada pelo aporte teórico-metodológico da Análise de Discurso (AD) de linha francesa. A constituição do corpus de análise pautou-se no recorte do discurso produzido por professores e tutores do Curso de Pedagogia a Distância da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no âmbito do Sistema da Universidade Aberta do Brasil (UAB), e

nos documentos legais que regulam a EAD no âmbito da UAB.

Os sujeitos da pesquisa foram professores e tutores do Curso de Pedagogia a Distância da Universidade Federal de Santa Maria, escolhendo-se preferencialmente àqueles atuantes desde o início do Curso Pedagogia a Distância da UFSM, em sua primeira oferta, no primeiro semestre de 2008. Assim, foram entrevistados: três professores e quatro tutores que estão atuando desde o início do curso nessa função e duas tutoras que passaram a exercer a função de professoras no segundo semestre de 2010. Cada sujeito escolheu um nome fictício para ser usado na pesquisa. Os sujeitos concordaram mediante o esclarecimento dos objetivos da pesquisa, fundamentados nas normas do Comitê de Ética da UFSM.

O procedimento de coleta de dados para esta pesquisa foi realizado com entrevista semi-estruturada, no sentido definido por Triviños (1987): “[...] aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa [...] fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as repostas do informante” (1987, p. 146).

A escolha pelas entrevistas online justifica-se na medida em que a Comunicação Mediada por computador (CMC) é forma de comunicação mais utilizada nos processos de ensino e aprendizagem a distância, com a qual os sujeitos da pesquisa comunicam-se com seus alunos, avaliam suas atividades, e criam laços afetivos. Considerou-se também que os sujeitos da pesquisa possuiriam fluência tecnológica para utilizar esse recurso, sendo profissionais atuantes da modalidade de ensino a distância.

O recurso escolhido e testado previamente foi o serviço de escrita colaborativa do Google Docs. Foi criado um e-mail do Gmail, específico para a realização da pesquisa, onde utilizamos também o recurso do Gtalk, funcionando de forma integrada ao Gmail, permitindo comunicação síncrona com os sujeitos e esclarecendo eventuais dúvidas surgidas durante a elaboração das respostas.

## **Resultados**

A EAD vem alterando o cenário do ensino formal da Universidade, sendo possível hoje uma comunicação mediada por computador com pessoas de diversos

lugares do mundo, nesse espaço/lugar que define-se aqui como realidade virtual, os sujeitos formam comunidades, conversam, compartilham arquivos e interagem com pessoas que tem interesses em comum. Segundo Valente (1993), a utilização do computador como auxiliar da aprendizagem é fundamental, por isso afirma que “[...] o aprendizado ocorre pelo fato de estar executando uma tarefa por intermédio do computador.” (1993, p. 8).

Hoje existem outras dinâmicas para ensinar e aprender, mesmo no ensino presencial, pois se passou a utilizar os recursos das tecnologias de informação e comunicação, alterando o antigo cenário. Diante dessas mudanças, vão se estabelecendo outras formas de contato entre alunos, tutores e professores.

A incorporação crescente das novas tecnologias da informação e comunicação aos processos ensino e aprendizagem vem disseminando as possibilidades da EAD, podendo romper barreiras culturais, de língua, de espaço geográfico, de tempo. Esse crescimento também mostra as fragilidades e dificuldades dessa modalidade de ensino. Pensamos aqui o desenvolvimento das práticas pedagógicas dos professores considerando essas diversas possibilidades.

Acompanhar a entrada de um docente na EAD e as significações e re-significações produzidas pelas vivências desse profissional nessa pesquisa representa presenciar significativas mudanças, tanto no entendimento da EAD como possibilidade de ensino, como a alteração das práticas desenvolvidas no ensino presencial proporcionadas pela atuação na EAD.

A seguir pode-se perceber isso claramente, na “voz” da Professora Rebeca ao relatar sua entrada na EAD e o que isso mudou depois de um tempo de trabalho nesse novo cenário:

**É preciso que fique claro que, antes de começar a trabalhar com a EAD tinha o maior descrédito nesta modalidade de ensino.** Lembro que ao retornar a UFSM após um afastamento de quatro anos para o doutorado, encontro o boom da EAD na instituição. **Não tenho a menor vergonha de contar que comecei na EAD por causa da bolsa. No dia que resolvi trabalhar na EAD, cheguei em casa e disse ao meu marido “vendi minha alma”.** A bolsa vinha bem a calhar e eu havia de saber lidar com a problemática desta modalidade. Sempre acreditei que o contato direto com o aluno, as falas, os silêncios, os movimentos da sala de aula eram imprescindíveis para a aprendizagem. Para mim, “sentir os humores” da

turma, os olhares, as interações entre os alunos e destes com o professor, só era possível no ambiente presencial de ensino-aprendizagem. **Hoje percebo que estes humores estão presentes de uma forma ainda mais marcante no cotidiano da EAD**, através do AVA é possível perceber as interações, as motivações, os silêncios dos alunos de uma forma ainda mais marcante pq está lá registrado. Eu posso hoje, depois de três anos, acessar a primeira disciplina com que trabalhei na EAD e encontrarei lá o registro de todos estes movimentos: alunos que foram mais participativos, mais silenciosos, aqueles que repetem o que os colegas falam, sem querer se comprometer, aqueles que fazem só o que o professor pede e aqueles que vão além. **E é perceptível, semestre após semestre, o crescimento destes alunos, principalmente em termos de leitura.** (Professora Rebeca, grifo nosso)

Rebeca apresenta pelo seu relato parte da sua história da EAD, do processo de identificação com a modalidade e com o possível aprendizado dos sujeitos. “Desse modo, quando falamos em sujeito, já está posta a relação língua/sujeito/história.” (ORLANDI, 2011, p. 1). Passar a considerar a EAD como uma possibilidade de educação que funciona foi possível pela sua relação com a “língua/sujeito/história”.

As práticas pedagógicas “é formada por esquemas subjetivos (relativos aos componentes prático, cognitivo e dinâmico das ações) e por todas as elaborações construídas pelos indivíduos em torno desses componentes” (GIMENO SANCRISTÁN, 1999, p. 78). As práticas pedagógicas nesse cenário da EAD passam a se materializar mediadas pelas tecnologias digitais, de modo expressivamente complexo, promovendo interações “seja entre usuário e tecnologias digitais ou analógicas, seja nas relações ‘presenciais’ ou ‘virtuais’ entre seres humanos” (SILVA, 2000, p. 20).

Portanto, parece que as práticas pedagógicas em EAD caminham na direção de ações guiadas pela Pedagogia que, a exemplo de Cambi (1999, p. 642): “é um saber em transformação [...]”. Entende-se aqui prática pedagógica como:

[...] prática intencional de ensino e de aprendizagem, não reduzida à questão didática ou às metodologias de estudar e de aprender. [...] articulada a uma educação como prática social e ao conhecimento como produção histórica e cultural, datado e situado, numa relação dialética e tensionada entre prática-teoria-prática, conteúdo-forma, sujeitos-saberes-experiências e perspectivas interdisciplinares. (FERNANDES, 2006, p. 447).

Considerando a prática como aplicação das regras ou dos princípios de uma arte ou ciência na sociedade em que se vive, as práticas pedagógicas são realizadas com base nos conhecimentos pedagógicos dos sujeitos envolvidos no contexto educacional. Nesse

sentido, os saberes práticos, são procedentes “das experiências cotidianas da profissão, contextualizados e adquiridos em situação de trabalho” (ALTET, 2001, p. 30). Assim, o professor vai se identificando com essa modalidade educacional, na medida que passa a trabalhar nela, como podemos perceber no recorte abaixo:

Um aluno do presencial pode passar todo o curso lendo apenas fragmentos e “sobreviver” as disciplinas, concluí-las e se formar com uma quantidade de leitura mínima. Na EAD isto é impossível, o aluno precisa se apropriar das leituras para dar conta das atividades. A exigência também é muito maior, porque ele tem atividades diárias para fazer, tarefas para postar. Enquanto no presencial existem épocas mais intensas de avaliação, o aluno da EAD tem uma avaliação processual, que envolve tanto as atividades semanais do ambiente, quanto a avaliação presencial exigida por lei. **Posso afirmar com certeza, hoje a EAD consome diariamente meu corpo e minha alma. Não mais por causa da bolsa, mas por um ideal de transformá-la numa possibilidade de ensino que não vai substituir o ensino presencial, mas que vai servir de alternativa a todos os que a ela não tem acesso por uma questão de organização do tempo ou de localização geográfica.** (Professora Rebeca, grifo nosso).

A professora Rebeca passa com tempo e pela sua vivência na EAD a acreditar na potencialidade dessa modalidade educativa e também na possibilidade dos sujeitos ensinarem e aprenderem mediados pela tecnologia. Contudo, esse mesmo sujeito por essa mesma experiência que o faz acreditar na EAD, percebe a fragmentação e a diferenciação da EAD, não nas possibilidades de ensino e aprendizagem, mas, na organização institucional da própria universidade, que ao ofertar cursos a distância ainda não da conta de garantir os mesmos direitos aos alunos e professores da EAD. Percebe-se isso no recorte a seguir:

Em nossa própria instituição, sinto que caminhamos a passos lentos: não temos representatividade nos conselhos superiores, **existem normas que regulamentam a vida acadêmica dos alunos do presencial e que não funcionam com alunos da EAD.** Assim como existem direitos que precisam ser estendidos aos alunos da EAD. Necessitamos de uma normatização interna desta modalidade, no entanto, entendo que enquanto não tivermos representação nos conselhos superiores, isto não acontecerá. A maioria dos conselheiros desconhece o trabalho realizado nesta modalidade. Ou desconhece ou despreza. (Professora Rebeca, grifo nosso).

Acredita-se que as práticas pedagógicas desenvolvidas na universidade não somente do professor, são constituídas por ações entrelaçadas dos alunos, dos gestores,

da comunidade e da sociedade. Ações essas que nos impedem de pensar o pedagógico separado do político e da política, pois o balizamento normativo da legislação vigente esbarra na prática docente.

Dessa forma, o trabalho desenvolvido na universidade precisa ser “um verdadeiro labirinto informacional que possibilite uma nova forma de compreender e produzir conhecimento” (PRETTO, 2008, p. 38). Conhecimento que nos faça refletir assim como a professora Rebeca, pois acreditar na potencialidade da EAD não significa apagar a fragmentação que essa modalidade ainda vive, para perceber além do cumprimento de protocolos e do trabalho por amor.

Ao citar a palavra amor, não nega-se aqui a possibilidade de produzir sentimentos na/pela profissão docente, mas busca-se um distanciamento do discurso pedagógico que constitui em um "dizer institucionalizado, sobre as coisas, que se garante, garantindo a instituição em que se origina e para a qual tende: a escola" (ORLANDI, 1994, p. 28).

Por conseguinte, o discurso sobre as práticas pedagógicas se constituem no cerne das políticas públicas que pressupõem planejamento e estratégias de ação docente, assim, o fazer pedagógico se constitui em um cenário em que “o docente raramente atua sozinho. Ele se encontra em interação com outras pessoas, a começar pelos alunos” (TARDIF, 2007, p. 49-50). Na EAD percebe-se que essa interação vai trazendo mudanças aos sentidos que os profissionais que nela atuam, percebe-se isso na resposta da Tutora Ana a pergunta: O que você entende por Educação a Distância?

A minha percepção do processo educacional “mediado pela internet” é bem diferente da percepção que tinha em 2009. Quando eu entrei no curso, acreditava que os processos de ensino/aprendizagem eram “inventados”... Como um aluno vai entender, aprender, construir conhecimento a partir do conteúdo exposto no ambiente, das explicações feitas por mensagens, em fóruns, sem um “contato físico”, sem o “olho no olho”?! Achava isso estranho, sinceramente impossível. Entretanto, o discurso era outro... é possível uma formação à distância! E, eu que tinha entrado nessa (faltou palavra), precisa ao menos tentar entender que significava esse discurso. O tempo passou, algumas leituras foram feitas, o trabalho foi sendo desenvolvido com empenho e dedicação, o retorno dos alunos foram chegando. E a cada retorno e com isso percebi sim, que a educação à distância não é algo que se inventa... é algo que acontece! Depois de divagações, vamos a pergunta/resposta: é aquele processo educacional que se dá por meio de uma tecnologia, onde aluno/professor interagem através de mensagens, fóruns, etc. e juntos conseguem estabelecer processos que

culminam (ou não!) na construção/produção de conhecimento. Esqueci de dizer... hoje faço uma capacitação à distância e incentivei a funcionária da escola a prestar vestibular. Se a educação à distância é uma construção, precisamos colaborar. (Tutora Ana).

Ana busca na memória lembranças que remetam a sua história na EAD, como teve início a sua prática nessa modalidade educativa, nesse sentido: “Falar do passado é tentar estabelecer elos com a memória, tentando evitar que essa recuperação da memória se reduza a um acúmulo de informações sobre o passado” (PETRI, 2006, p.1). Pode-se evidenciar esse resgate histórico também na “fala” do sujeito-professor a seguir:

Sem dúvida a EAD que eu participo nos modelos que venho buscando produzir com os tutores e acadêmicos que me envolvo, se constituem em uma rede de colaboração e produção de saberes. Isso pode ser percebido nos processos de avaliação que vamos fazendo ao longo das disciplinas. A possibilidade do espaço de aprendizagem da EAD é individual e coletivo, cada um pode trazer suas experiências e ser mobilizado pela experiência do outro. Pode identificar em si os movimentos de construção em relação a saberes que vão desde a leitura da realidade até a apropriação de saberes científicos-culturais que estão a disposição da formação. Por isso, por mobilizar experiências e por movimentar saberes tanto dos sujeitos como da área de formação este espaço se constitui de produção de saberes. (Professora Byte).

Qualquer que seja o nível de interação, especialmente o uso de estratégias sugeridas para melhorar a interação, permitem ao professor identificar e atender as necessidades individuais dos alunos, ao mesmo tempo os ambientes virtuais oferecem recursos tecnológicos para efetivar essa mediação de forma colaborativa, sendo esse um dos fatores fundamentais para o trabalho na EAD. Nesse sentido, a Professora Ana Carolina, comenta que:

[...] tenho certeza disso, caso não conseguisse estabelecer essa colaboração eu já não estaria mais atuando, pois preciso destes elementos para eu aprender e acredito que todas as pessoas são movidas pelas relações que estabelecem, desta forma, todos os sujeitos, eu, tutoras, estudantes, tutoras presenciais, coordenação, enfim...somos partes de uma rede e esta só consegue movimento se todos nós estivermos em interação (Professora Ana Carolina).

Ainda sobre a possibilidade de criar uma rede de colaboração o Professor

Antônio, fazendo uma comparação entre o ensino presencial e a distância:

Eu creio que assim. Lamento, entretanto, que nosso modelo não cooperativo, hiperespecializado e fragmentado da atuação na educação presencial seja ainda balizador de muito do que fazemos em outros espaços. Quando vejo, no entanto, os fóruns da DCG na qual estou atuando agora, só posso acreditar que é possível avançar coletiva e solidariamente. Ontem à noite lia e relia as mais de 400 participações de 2 fóruns e penso que os estudantes - talvez até mais do que nós, professores - tem levado a sério a dica de que um mais um é sempre mais que dois. Acho, sem correr o risco de estar sendo otimista em demasia, que é possível, sim, estabelecer uma rede de colaboração. Digo mais, acho que ela existe, ainda que informalmente, entre alguns de nós que estão mais convencidos do que outros sobre as possibilidades emancipatórias da EAD. Além disso, trabalhar em EAD dá muito trabalho, exige muito tempo. Se isso, de um lado, é um complicador, por outro pode ser visto justamente como razão para pensar um outro estado de coisas, uma outra possibilidade de ação. (Professor Antônio)

Assim, para Moran: "Ensinar com as novas mídias será uma revolução, se mudarmos simultaneamente os paradigmas convencionais do ensino, que mantêm distantes professores e alunos" (2000, p. 70). A adoção das estratégias tecnológicas na EAD exige um repensar na relação professor-aluno e dos meios de comunicação e interação que poderão tanto aproximar as pessoas, como também afastá-las. E ainda uma organização das práticas pedagógicas dos professores e tutores, de forma integrada.

A minha prática pedagógica inicia quando sei qual é a disciplina que irei atuar. Logo procuro o ementário dela, bem como procuro entender qual é o seu objetivo e os conteúdos que devem ser desenvolvidos. Depois inicio a procura de materiais didáticos ( textos, artigos, possíveis imagens para a capa da disciplina), e logo entro em contato com a professora da disciplina para passar as idéias que tive. Com o aval dela inicio o processo de construção da disciplina no ambiente virtual, e a medida que vamos tendo os encontros presenciais e via email com a equipe da disciplina, ela vai ganhando forma e o seu conteúdo. Tudo é construído coletivamente, e no transcorrer da disciplina tenho que ir dando o retorno do trabalho desenvolvido nos meus pólos para a professora. Esta faz-se presente sempre no desenvolvimento das atividades, contribuindo e chamando a atenção para o que carece de maior desenvolvimento ou explicação (Tutor Lorenzo).

Assim como relata Lorenzo, as práticas pedagógicas vem sendo pensadas e planejadas em conjunto, compartilhadas entre o professor da disciplina e os tutores que nela atuam. Essa não é a realidade de todas as disciplinas do curso, pois: "A relação entre professor-pesquisador e tutor varia muito." (Tutor Lorenzo). Essa docência virtual

compartilhada ainda encontra-se em processo de naturalização entre os sujeitos dessa modalidade de ensino.

A experiência da EAD ainda contribui para o desenvolvimento das práticas pedagógicas do ensino presencial, como relata o Professor Antônio:

Creio que, de modo especial, essa experiência me fez ver o quanto a ‘invisibilidade’ do aluno da modalidade presencial não pode ser ocultada na EAD. Também creio que minha noção de planejamento precisou ser revigorada não só em termos de detalhamento e previsibilidade, mas também no que se refere a rotas alternativas para a aprendizagem sobre as quais temos que pensar quando preparamos disciplinas em EAD, mas para as quais nem sempre pensamos no presencial. **Tenho usado o Moodle com meus alunos do presencial** e creio que em algumas disciplinas tenho me apresentado, ao mesmo tempo, de maneira melhor estruturada, com um fluxo de informação melhor resolvido e equacionado. Atualmente estou ministrando uma DCG pensada para a EAD, na qual tenho alunos do presencial. Meus alunos do presencial, apesar de escreverem mais e - em muitos casos - melhor, têm enfrentado dificuldades maiores que as dos alunos de EAD em termos de como gerenciam seu tempo e de como agir de modo mais autônomo. **Essa questão da autonomia está me fazendo repensar questões para o presencial e não tenho dúvida de que isso tem estreita relação com minha vivência na EAD.** (Professor Antônio, grifo nosso).

Refletir sobre o movimento de constituição das práticas pedagógicas na EAD, a partir dos sentidos produzidos pelos sujeitos da pesquisa remete a processo em construção, um modelo pedagógico que ainda está por vir. A ideia de modelo não representa um único percurso a seguir, mas o início de uma referência a ser avaliada e replanejada.

As relações estabelecidas entre os sujeitos e o espaço/lugar da EAD mobilizam uma passagem da descrença nessa modalidade ao ingressar nesse “novo” trabalho, e com passar do tempo e das vivências os sujeitos se mostram favoráveis a EAD como uma possibilidade de ensino e aprendizagem no Ensino Superior. Trazendo ainda um desconforto com a normatização que vem sendo aplicada nesse cenário.

Ainda que esses sujeitos se mostrem favoráveis com as possibilidades pedagógicas da EAD, permanece a dúvida de como amenizar o empasse da utilização dos recursos digitais e sua relação com as produções de sentidos, na qual: “[...] as relações sociais e a língua (produção de sentido) não está, pois, na questão de incluir-se

ou excluir-se mas no fato de que ela tem se apresentado como mais um componente do que no marxismo se chama de processo de alienação” (ORLANDI, 2011, p. 10). O grande desafio da busca de superação dessa alienação frente a realidade virtual seria: “[...] propiciar este espaço politicamente significado para que este sujeito possa se relacionar com a história, o político, o simbólico e a ideologia, quando pensamos a relação desse sujeito com essa forma material da língua.(ORLANDI, 2011, p. 10).”

## Conclusão

Professores e tutores organizam suas práticas pedagógicas na modalidade de Educação a Distância em regime de colaboração e cooperação, não só dividindo as ações de planejamento e execução que envolve as práticas pedagógicas mas estabelecendo uma efetiva docência virtual compartilhada.

O trabalho dos professores da EAD, que aqui conceituado como docência virtual compartilhada, se caracteriza pela complexa e específica atuação no cenário da EAD, mesclando os encontros presenciais e a ocupação de um lugar/espço virtual, a divisão e o entrecruzamento das tarefas, a avaliação e o replanejamento constante.

Os sentidos produzidos no discurso de professores e tutores sobre a constituição das suas práticas pedagógicas na modalidade de educação a distância se apresentam num entre-lugar, onde a EAD, assim como pesquisada e apresentada nessa dissertação, vive um processo de naturalização tanto das suas possibilidades, quando da sua eficiência/eficácia entre as modalidades educacionais existentes.

## Referencias

ALTET, M. As competências dos professores profissionais: entre conhecimentos, esquemas de ação e adaptação. In: PERRENOUD, Ph.; PAQUAY, L; ALTET, M.; CHARLIER, E. (Orgs.). **Formando professores profissionais**. Quais estratégias? Quais competências? 2. ed. revista. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

FERNANDES, C. Currículo e prática pedagógica da educação superior. In: MOROSINI, M. (Ed.). **Enciclopédia de pedagogia universitária**: Glossário. Brasília, v. 2, 2006.

GIMENO SACRISTAN, J. **Poderes instáveis em educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

ORLANDI, E. Para quem é o discurso pedagógico. In: A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ORLANDI, E. Língua, Comunidade e Relações sociais no espaço digital . In: DIAS, C. P. (Org.). **e-urbano: sentidos do espaço urbano/digital**. 1. ed. Campinas: Labeurb, 2011.

MORAN, J. M. **Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias**. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/innov.htm>. Acesso em: 15 de maio 2009.

PETRI, V. **Michel Pêcheux e a teoria do discurso nos anos 60**. In: Semana Acadêmica de Letras da UFSM, 2006, Santa Maria. Disponível em: [www.ufsm.br/corpus/txts\\_profes/Verli\\_expressao.pdf](http://www.ufsm.br/corpus/txts_profes/Verli_expressao.pdf). Acesso em 20 de maio de 2009.

PRETTO, N. L. **Escritos sobre Educação, Comunicação e Cultura**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2008.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2007.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VALENTE, J. A. **Diferentes usos do computador na educação**. In: Valente, J.A. (org.) **Computadores e Conhecimento: Repensando a Educação**. Campinas, SP. Gráfica da UNICAMP, 1993.